

Retrospectiva

Saussure: pai ou filho da linguística? Ensaio sobre a apropriação do Curso de Linguística Geral

Pedro Perini-Santos*

Resumo: O *Cours de Linguistique Générale* de Ferdinand de Saussure (1916) é comumente tido como obra basilar para o estabelecimento dos métodos de pesquisa na linguística. Considerando esse fato, este artigo discute como a obra – que foi publicada após a morte do autor e sem a sua anuência – alcançou tamanha relevância, mesmo que não expresse, de fato, o que pensava o autor. Dentre alguns desvios de interpretação e edição, encontra-se a fórmula do clássico conceito de signo e a suposta autonomia das áreas da sincronia e da diacronia na pesquisa sobre a linguagem.
Palavras-chave: Saussure; Estruturalismo; Desvios de interpretação; Edição.

Abstract: The *Cours de Linguistique Générale* by Ferdinand de Saussure (1916) is commonly considered a foundational work for basic research methods in linguistics. In light of this fact, this article discusses how that work - which was published after the author's death and without his agreement - reached such importance, even if did not actually express what the author himself believed. Alongside some deviations in interpretation and editing, this includes the formulation of the classic concept of the sign, and the supposed autonomy of synchrony and diachrony in research on language.

Keywords: Saussure; Structuralism; Deviations in interpretation; Edition.

Apresentação

Desde meados do século XX, tem marcante presença no campo da pesquisa linguística a leitura estruturalista, cujo estabelecimento é reconhecido na publicação póstuma do *Cours de Linguistique Générale* (daqui pra frente, CLG) de Ferdinand de Saussure em 1916. Os estudos linguísticos pós-Saussure assumem postura científica adversa à boa parte do que havia sido feito na área até então, restringindo seu escopo de pesquisa ao que haveria de realmente linguístico.

Neste ensaio, gostaria de propor uma interpretação crítica sobre como se deu a elevação de um texto de Ferdinand de Saussure ao posto de bastião do estruturalismo. Seguindo de perto o que propuseram Tullio de Mauro (1972 [1967]), Jean-Louis Calvet

* Doutor em Linguística pela UFMG/University of California; professor do Departamento de Letras da PUC-MG.

(1975) e Dante Lucchesi (1999)¹, sustento que há erros interpretativos importantes das aulas do suíço e do valor a ser a elas atribuído. Sustento também que mudanças epistêmicas nem sempre acarretam evolução na forma de estudo. A aceitação incontestada de alguns conceitos supostamente saussurianos gerou, a meu ver, a negação de discussões teóricas importantes que o próprio Saussure defenderia, como veremos. Dentre estes pontos, encontram-se os estudos de comparação e de evolução das línguas.

O advento estruturalista e a negação da diacronia

Em detrimento de outras leituras até então correntes, o advento do estruturalismo na linguística anuncia um modelo sincrônico e binário que impõe uma severa limitação para o escopo de atuação da linguística. Refiro-me às explicações combinatórias das escolas de Praga e de Copenhague (BRØNDAL, 1950; HJELMSLEV, 1953, 1961); ao estruturalismo americano (BLOOMFIELD, 1933; HULL, 1943), à obra de Humboldt (1879), aos textos de Lucien de Tesnière (1959 [1953]), e à matematização da linguagem natural assumida modernamente pela teoria gerativista (Z. HARRIS, 1951; TESNIÈRE, 1965; CHOMSKY, 1957) e pré-gerativista dos anos '40 (WELLS, 1947). Pelo advento do estruturalismo, refiro-me, sobretudo, à apropriação feita dos cursos de Saussure.

Antes vale registrar que desde o início do século XX, Jean Baudouin de Courtenay, Adolf Noreen e Nikolay Trubetsky já esboçavam manifestações estruturalistas ao se posicionarem contra os postulados do modelo histórico-comparacionista indo-europeu e do sanscritismo desenvolvidos e divulgados por Franz Bopp, Edward Sapir, Adolphe Piciet e William Whitney. Tais modelos eram ruins, diziam os primeiros, porque mantinham traços de pesquisa antropológica, gradualista ou histórica, configurando, portanto, 'uma perturbação ao recém inaugurado caráter científico dos estudos linguísticos'.²

1 Os três autores publicam trabalhos de revisão e compreensão do CLG. Atribui-se a T. de Mauro a organização da edição da editora suíça Payot de 1967 [1972]; são 160 páginas com notas explicativas e biográficas. Em 1975, L-J. Calvet escreve *Pour et Contre Saussure: vers une linguistique sociale*, após ter sido instigado a produzir material de introdução do CLG. *Sistema, Mudança e Linguagem – um percurso da linguística neste século* é a dissertação de mestrado de D. Lucchesi publicada em Portugal em 1999 e reeditada pela Editora Parábola em 2004.

² Anotações do curso Structural Thought, profereido pela profa. M. Manoliu-Manea na University of California at Davis, em 2003.

Essas escolas, cada uma a seu tempo e razão, estabelecem um conceito de *linguagem* como uma entidade abstrata, lógica, demonstrável e independente do mundo externo. Louis Hjelmslev é exemplo pivotal dessa postura:

A teoria linguística [...] deve buscar o que há de constante, e que não esteja ancorado em alguma ‘realidade’ externa à linguagem – uma constância que faça da linguagem (uma) linguagem, seja lá o que for, e que faça uma língua particular idêntica a ela mesma em todas as manifestações. (HJELMSLEV, 1961, p. 8)

O comentário que oferece Borgström (1945) sobre tais premissas anti-subjetivas adotadas pelo estruturalismo, relata Bernard Pottier (1962), deixa claro que não se tratava de uma nova postura teórica justificada por necessidades empíricas descritivas e ou experimentais, mas de uma opção de pesquisa.

A asserção de Hjelmslev de que a ‘forma’ linguística deve ser estudada independentemente da ‘substância’ mais parece fazer referência à construção de um conjunto de definições de uma teoria geral da linguagem do que da descrição de uma dada língua. (*apud* POTTIER, 1962, p. 21)

Outro exemplo bastante significativo desta postura reconhece-se em Zellig Harris. Na revisão sobre a história da linguística, Georges Mounin propõe que Zellig Harris seja “um bloomfieldiano original /.../ poderoso /.../ mais hostil à semântica do que [Bloomfield] e estritamente preocupado em construir integralmente um descritivismo [baseado] em procedimentos distribucionais” (MOUNIN, 1984, p.199). Em *Structural Linguistics*, Harris propõe que:

A pesquisa em linguística descritiva consiste na coleta das ocorrências de uma variante específica e sua análise. O conjunto de ocorrências coletadas constitui o *cópus* de dados; a análise sobre ele proposta é a descrição compacta da distribuição desses elementos. [...] Para os objetivos da linguística descritiva apenas uma única LÍNGUA, ou um único dialeto, e durante um breve período de tempo, deve ser considerada [...] do ponto de vista da linguística. (HARRIS, 1951, p.12)

Nada de história (“um breve período de tempo”), nada de comparação (“uma única língua”), nada de significado (“distribuição desses elementos”), nada de escutar outras áreas do conhecimento humano (“do ponto de vista da linguística”) e nada de muitos dados: *preciso apenas de 100 horas de gravação*, teria dito Harris.³

Para que se leve adiante o projeto linguística-ciência, para Hjelmslev, seria preciso “esquecer o passado e fazer tábula rasa de tudo aquilo que nada forneceu de positivo /.../ Um único teórico merece ser citado como pioneiro indiscutível: o suíço Ferdinand de Saussure” (HJELMSLEV, 1978 [1954], p.182)

De forma paradoxal, portanto, a linguística dominante pós-Saussure adota um modelo descritivo lógico-modular, como a física e a química adotam, mas não argumenta como uma ciência empírica. Pelo contrário, contempla-se com uma introspectiva coleta de dados que aparece por vez descrita como “a ‘cadeira de balanço’ da especulação e instrospecção incontrolada” [“the ‘armchair’ of speculation and uncontrolled introspection.”] (HATFIELD, 2002, p. 208). O modelo ‘cadeira de balanço’ segue direção oposta à da colega psicologia americana que, no mesmo início de século e com semelhante projeto de cientificação, envereda-se pela linha laboratorial objetivista.

Watson⁴, Hull⁵, MacCorquodale & Meehl⁶, e Skinner⁷ refutam, cada qual a seu modo, a prática da introspecção como método de pesquisa adequado e esposam a metodologia do empirismo lógico vienense de Carnap⁸. Resumidamente, o que eram questões de ordem moral para os estudos sobre a psique humana passa para um estatuto material, físico-químico. Especificamente em Skinner, de acordo com a clássica resenha de Noam Chomsky, o estudo sobre o comportamento verbal centra-se no projeto de “prever e controlar o comportamento verbal através da observação e da manipulação do ambiente [environment] do falante” (CHOMSKY, 1959, p. 26). Ao ser humano,

³ cf. nota anterior.

⁴ “The ultimate explanation of behavior would be physical and chemical” (WATSON, 1913, *apud* HATFIELD, 2002, p. 216).

⁵ “The naïve theorist is tempted to make predictions on the basis of intuition, which is anthropomorphic subjectivism. The derivation of theoretical expectations from explicit stated functional relationships is the objective method”. (HULL, 1943, p. 29).

⁶ “The Hull diagrams contain symbols /.../ These symbols refer to hypothetical processes within the organism, having an allegedly real although undetermined neuro-muscular locus”. (MACCORQUODALE & MEEHL, 1948, p. 04).

⁷ “Skinner's definition of emotion as a 'state of the organism' which alters the proportionality between reserve and strength”. (MACCORQUODALE & MEEHL, 1948, p. 29).

⁸ “Every psychological sentence refers to physical occurrences in the body of the person (or persons) in question”. (CARNAP, 1932, *apud* HATFIELD, 2002, p. 215).

estendem-se as descrições laboratoriais obtidas a partir de exames em animais. O objetivo último do modelo laboratorial de pesquisa psicológica era poder, em um tempo futuro, reconhecer nos estados físicos mesuráveis aquilo que a mente é ou está.

Esse debate não é inédito. Locke e Descartes, por exemplo, já imputavam como questão central ao conhecimento humano a compreensão da relação corpo e mente. No entanto, apesar de todo esse passado, em grande medida reconhece-se como referência para o estabelecimento da psicologia como ciência a inauguração dos experimentos laboratoriais desenvolvidos por Wilhelm Wundt na Universidade de Leipzig em 1879⁹.

Outras ciências naturais, como a física, a biologia e a química, não têm uma data de fundação. Apontam marcos em suas histórias; no entanto, o estudo das propriedades gerais do mundo natural, das coisas vivas, e dos fenômenos químicos recua ao período medieval e, pelo menos para a física e a biologia, chegam a Aristóteles (apesar de o termo 'biologia' sair de uma fornada do século XVIII). Os marcos geralmente envolvem mudanças radicais das disciplinas. (HATFIELD, 2002, p. 210)

No que concerne tal datação, soa estranho pensar que em detrimento de uma longa história, eleja-se *uma* data específica para a proclamação de uma 'nova' ciência.

O surgimento da linguística contemporânea

Para a linguística, as coisas se complicam. Mais estranho do que pontuar um determinado espaço de pesquisa como ponto fundante de uma nova ciência é a escolha da publicação de um livro que o autor não escreveu. A linguística assume como referência de sua designação como ciência a edição póstuma das notas de aula dos últimos três cursos em nível de graduação que Ferdinand de Saussure ministrou na França. Na elaboração do CLG, foram usadas, relata R. Godel (1957),

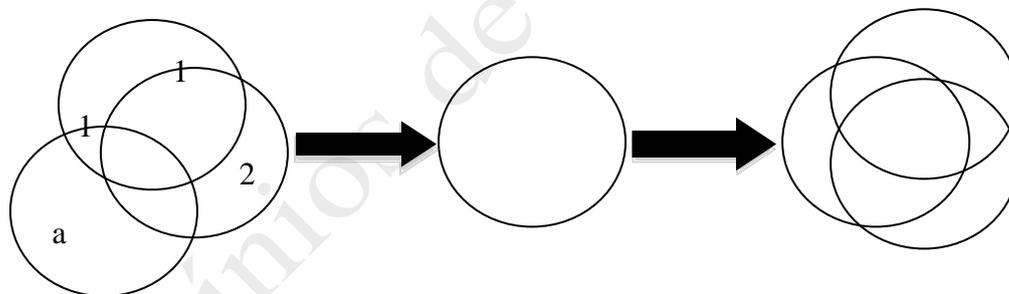
[a]s notas de curso [feitas pelos alunos] são apenas uma parte do dossiê [montado por Saussure] e remetem à matéria de algumas lições apenas que foram, de fato, redigidas ou apenas esboçadas. (GODEL, 1957 apud CALVET, 1975, p.14).

⁹ “Around the world psychologists celebrate the centenary of their discipline in 1979, a date chose to mark 100 years since Wundt set up a laboratory at the University of Leipzig [...] in my view the claim that psychology was created anew as a scientific discipline in 1879 or thereabouts is profoundly misleading.” (HATFIELD, 2002, p. 209).

Esta passagem indica que a restrição do texto acedido para se constituir a obra básica saussuriana, em si, já é contestável.

A partir do CLG, a ciência da linguagem se proclama estruturalista, autônoma e objetiva; apta, portanto, a sustentar cientificamente a existência de razões básicas e objetivas para explicar o que é, como se estrutura e como funciona a linguagem humana.

Como ilustra o esquema a seguir, a divulgação e propagação do CLG, e sua consequente aceitação como modelo de estudo, se deram através de um processo epidêmico prototípico de cadeia em três etapas. Inicialmente, há uma da interseção dos círculos 1, 2 e 3. Via *overlapping* define-se ‘a’ em um movimento centrípeto. Ou seja, com o cruzamento de 1, 2 e 3 perde-se o estatuto ontológico de interseção e passa-se ao estatuto de entidade, ‘a’. Progressivamente, por motivos externos aos que justificaram seu estabelecimento, ‘a’ passa a ser padrão, notado com ‘A’. ‘A’ exerce função de entidade central, função de protótipo ‘modelo flor’ (cf. KLEIBER, 1990), e, com o poder prototípico deferencial a ele auferido, epidemiza novos círculos de leitura e estudos sobre linguagem e estruturalismo:



A primeira etapa é o cruzamento das anotações dos alunos de Saussure (1, 2 e 3). Organizam-se as anotações de três alunos em um texto único, notado como ‘a’. A segunda etapa é a edição do CLG (‘A’), o que eram anotações passa a estatuto de livro. A terceira etapa é a ainda vigente canonização do *Curso* e do *proto-autor* (‘A’). O CLG passa a ser tomado como o livro fundador da linguística.

Para dar um exemplo dessa leitura, Hayley Davis e Jonathan Culler que, dentre muitos, se referem a Saussure como “o pai da linguística dos dias de hoje” (DAVIS, 1997, p.33), e ainda, “Saussure é o pai da linguística moderna” (CULLER, 1979, p.1).

Contestando o texto oficial

O advento do estruturalismo saussuriano é criticamente relatado por Louis-Jean Calvet (1975) em *Pour et Contre Saussure*. Calvet, Tulio de Mauro (1972) e Godel (1969), intérpretes atentos da obra do mestre suíço, empenharam-se em trazer a público o que está contido no CLG, mas que não fora pensado por seu “autor”. Uma dos pontos centrais do CLG, e que Saussure não disse, alerta Calvet, é a postulação da linguística como forma de pesquisa autônoma e sincrônica:

[...] os editores estão ligados a uma ideia fundamental, segundo a qual ‘é preciso se estabelecer primeiro no terreno da língua e tomá-la como norma para todas as outras manifestações da linguagem’ (CLG, 1972, p. 25), ideia que reaparece, reforçada, na última frase do Curso: ‘a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua vista nela e por ela própria’ (CLG, 1972, p. 317). Estabelecer-se primeiro no terreno da língua, começar pela língua, há, aí, a evidente vontade de fundar a autonomia da linguística, a vontade de traçar os limites de seu campo de atuação e de separá-lo do campo de outras ciências. (CALVET, 1975, p. 21)

Se em Saussure deve ser estabelecida a linguística como uma ciência autônoma, prossegue Calvet, por que haveria ele de ter escrito que:

Pode-se, portanto conceber uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da psicologia social e, conseqüentemente, da psicologia geral? (CLG, 1972, p. 33, In: CALVET, 1975, p. 21)

Como se nota, Calvet demonstra como as opções epistemológicas radicalmente limitadoras para o campo de atuação e compreensão da linguística atribuídas a Saussure não são coerentes com o que está escrito em outras partes do próprio CLG. Em outra passagem de sua análise, Calvet compara o texto oficial do CLG com as notas de aula tomadas por Riedlinger, também ex-aluno de Saussure (os grifos foram acrescentados por mim):

[...] várias ciências – psicologia, antropologia, gramática normativa, filologia, etc – que nós separamos claramente da linguística, mas que, estabelecendo método incorreto, poderiam reivindicar a linguagem como um de seus objetos. (CALVET, 1975, p. 21-22)

Para Riedlinger (1908), Saussure teria proposto que:

[...] a linguística, distinta das ciências vizinhas (etnologia, filologia, fonologia, psicologia, sociologia), [...] para que se defina um espaço de linguística, vale não considerar *la langue* por todas as vertentes. Claro, assim outras várias ciências (psicologia, fisiologia, antropologia, gramática, filologia, etc.) poderão, também, reivindicar *la langue* como objeto de estudo. (CALVET, 1975, p. 22)

As citações falam por si próprias. De um lado, “separar claramente” e “linguagem” (CLG); do outro, “distinta das ciências vizinhas” e “língua”[*langue*] (RIEDLINGER). Pares de expressões que enciclopediam esquemas teóricos diferentes. *Separar claramente* é uma opção epistemológica militante e inauguradora; *linguagem* é mais do que *língua*. A expressão *ciências vizinhas* permite pensar que já havia, e pode haver, outros enfoques para o fenômeno da linguagem e cabe à linguística o estudo da *língua*.

As discrepâncias e incongruências entre o conjunto das ideias saussurianas e o CLG são tantas que Calvet a ele se refere como *La Vulgate*. Atrapalhados não são apenas os equívocos de interpretação nos quais os editores do CLG incorreram. A forma pela qual Saussure passa à história da linguística também incomoda a Calvet:

[A *Vulgata*] muito rapidamente ascende a um estatuto de versão vulgata do pensamento saussuriano, ao qual se faz referência de forma quase religiosa, ao ponto mesmo que alguns seguidores ortodoxos farão uso fiel de passagens saussurianas que foram inventadas pelos editores [...] § Após a morte de Saussure, e mesmo há pouco tempo atrás, o CLG será tomado como a pedra fundamental a partir da qual se delineia a linguística moderna; o texto estabelece as bases para a cientificidade desta disciplina. (CALVET, 1975, p. 16)

O que Saussure discutia passa para a história da epistemologia linguística como aquilo que ele afirmava; o que eram perguntas vira respostas. Para se ter uma ideia, Bernard Pottier se refere à separação categorial entre *signifié* e *signifiant* – certamente um dos mais básicos conceitos atribuídos a Saussure – da seguinte forma: “É preciso dizer que distinção entre forma e substância no interior do significado e do significante não é explicitamente formulado por Saussure” (POTTIER, 1962, p.13); e acrescenta em nota de

pé-de-página: “Isso vem de uma apropriação falsa entre significante e forma; e significado e sentido” (idem)¹⁰.

Conclusão

Mesmo após a publicação dos textos de Godel (1957), de Calvet, e Lucchesi (1999) e da edição comentada do CLG por De Mauro (1972 [1967]), continua muito presente a avaliação de ser a verdadeira linguística aquela que não opera com o subjetivo, com o histórico, com o variacional, com o ‘externo à linguagem’, mas com a linguagem pura a partir de modelos explanatórios isentos de elementos externos. Pode-se pensar que esses textos, e outros que operaram com o mesmo objetivo de uma exegese crítica, não tenham resultado em nada? Provavelmente resultaram em muito pouco.

Um tipo de reducionismo ainda presente é o estruturalismo. Se levada em conta a análise estruturalista por si só, [esta] tende a se tornar uma versão estruturalista (*sic*) cuja história remonta a Saussure (1916). O estruturalismo é ainda amplamente difundido pela teoria gramatical contemporânea... (BROSE & STROHNER, 1992, p.55)

A resposta a esta pergunta talvez não seja importante. Importante, creio, é pensar que, concomitantemente, ou mesmo antes à publicação da *Vulgata*, já se sustentava que ciência é um tipo de estudo que descreve o invariável e universal. O movimento de apropriação dos cursos de Saussure, sua promoção ao formato de livro *Geral* e sua elevação ao estatuto de modelo epistêmico se deve à aplicação de uma taxonomia discursiva de uma época em uma outra época.

Dessa forma, incorre-se em um erro categorial. Indicação disso, mais uma vez me remeto a Calvet, é o fato de as ideias expostas no CLG não terem sido reconhecidas como representantes do pensamento saussuriano até meados dos anos ‘30: quando sepulta-se o comparacionista e, mesmo morto, nasce o estruturalista.

¹⁰ Há extensa discussão sobre o tema em artigo publicado na *Language* 50(1), no qual T. Gamkrelidze apresenta excelentes argumentos para nossa discussão ao demonstrar de que forma a concepção vertical do conceito de signo saussuriano torna-o incompleto. “The nature of the verbal sign, as the sign in any semiotic system, must obviously be specified not only through the relationships between its two components [vertical relations], but also through the relations of the given sign to the other signs of the system” (GAMKRELIDZE, 1974, p.104). O artigo aparece publicado no site da Academia de Ciência da Geórgia, <http://www.science.org.ge/english.html>, acessado em setembro 2010.

Referências citadas

- BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1933.
- BRØNDAL, Viggo. **Théorie des Prépositions** – introduction à une sémantique rationnelle. Ejnar Munksgaard: Copenhagen, 1950.
- BROSE, Hans & STROHNER, Roselore. **A Cognitive Systems Approach to Linguistic Knowledge**. Language Sciences, vol. 14, n. 112, p. 55-76, 1992.
- CALVET, Louis-Jean. **Pour et contre Saussure** – vers une linguistique sociale. Paris: Payot, 1975.
- CHOMSKY, Noam. **Verbal Behavior**. Language, vol. 35, n. 1, p. 26-58, 1959.
- CULLER, Jonathan. **As idéias de Saussure**. Trad. FONSECA, Carlos Alverto da. São Paulo: Cultrix, 1979.
- DAVIS, Hayley. **Ordinary people's philosophy: comparing lay and professional metalinguistic knowledge**. In: Language Sciences, vol. 19, n. 1, p. 33-46, 1997.
- DE MAURO, Tullio. Notas In: SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique Générale**. Paris: Payot, 1972 [1967].
- GAMKRELIDZE, Thomas. **The Problem of 'l'arbitraire du singe**. Language, vol. 50, n. 1, p. 102-10, 1974.
- HARRIS, Roy. **Integrational linguistics and the structuralist legacy**. Language and Communication, n. 19, p. 45-68, 1999.
- HARRIS, Zellig. **Structural Linguistics**. Chicago/Londres: Un. Chicago Press, 1951.
- HATFIELD, Gary. **Psychology, Philosophy and Cognitive Science: reflections on the History and Philosophy of Experimental Psychology**. Mind & Language, vol. 17, n. 3, p. 207-232, 2002.
- HJELMSLEV, Louis. **Prolegomena to a Theory of Language**. Madison: Un. Wisconsin Press, 1961 [1943].
- HULL, David. **Replication**, The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter, 2001 Edition), Edward Zalta (ed.).
- HUMBOLDT, Wilhelm. **Linguistic Variability & Intellectual Development**. Miami: Un. of Miami Press, 1971 [1836].
- KLEIBER, Georges. **La Sémantique du Prototype**. Paris: PUF, 1990.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, Mudança e Linguagem** – um percurso da linguística neste século. Lisboa: Colibri, 1998.

MACCORQUODALE, Kenneth & MEEHL, Paul E. **On a Distinction between Hypothetical Constructs and Intervening Variables**. *Psychological Review*, n. 55, p. 95-107, 1948.

MOUNIN, Georges. **La Linguística del Siglo XX**. Madrid: Gredos, 1984 [1972].

POTTIER, Bernard. **Le cognitif et le linguistique dans l'expression des relations**. *Faits de Langue*, n. 9, p. 29-38, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique Générale**. Paris: Payot, 1972 [1916].

TESNIÈRE, Lucien. **Esquisse d'une Syntaxe Structurale**. Paris: C. Klincksieck, 1953.

TESNIÈRE, Lucien. **Eléments de Syntaxe Structurale**. Paris: C. Klincksieck, 1965.

WELLS, Roulon. **Immediate Constituents** - *Language*. vol. 23, n. 2, p. 81-117, 1947.